

após as místicas e gloriosas dinastias dos reis-pontífices da Atlântida, mãe de nossas civilizações, o disco de ouro, centro do nosso universo planetário, símbolo de vida fecundante e de alegria, luz resplandescende de poderio e de força, é saudado por todos os povos do hemisfério boreal como o símbolo vivo, a encarnação triunfante da Divindade, o vencedor das forças inertes e estéreis saídas do caos, e aquele que renasce cada dia após a longa espera noturna pode bem aparecer como a imagem eterna de um milagre sempre renovado.

Na sua misteriosa alquimia, o Sol no plano astral, condensa as forças inorgânicas imensas, as energias contidas no COSMOS, e essa vitalidade prodigiosa, que parece constantemente renovada, participa verdadeiramente do poder divino se, por trás do Sol visível, deslumbrante luminária, permanece braseiro imenso infinitamente mais vasto e mais terrível, o Sol invisível, o Sol NEGRO dos magos e dos alquimistas, assim chamado devido ao seu terrível brilho, aos nossos olhos emanção dissimulada do LOGOS DIVINO... Outrossim, não é dado aos humanos, pelo menos nesta vida, contemplar esse fogo espiritual, de tal forma brilhante que faria arder a nossa alma pela eternidade. Em compensação os textos sagrados da humanidade, tais como o *Livro dos mortos*, egípcio, ou o *Bardo Thödol* ("Livro dos mortos") tibetano, presumem dessa luz que a poderemos contemplar do outro lado do espelho, isto é depois de nossa morte terrestre. É o Sol de Osíris dos sacerdotes de Mênfis, a "luz azul" do Plano budístico, o "Sol dos mortos", o que, sozinho, guia as almas para o Espírito e transcende o mistério do Conhecimento Supremo. O segredo do logos, o conhecimento do Sol negro, caminho da vida e da morte, tal era a chave dos grandes mistérios conhecidos em outros tempos dos colégios de iniciação, dos pontífices atlântes, dos sacerdotes egípcios e dos grandes druidas, antes da extinção da luz da tradição soprada por um "vento de loucura" nascido em alguma parte na Judéia.

Desde aí rompeu-se a grande cadeia dos iniciados solares, e unicamente a magia, ciência de duplo corte, pode ainda ressuscitar por um momento os segredos do conhecimento perdido. É assim que se reata o drama do mundo moderno: por seus métodos e procedimentos implícitos, não estando a magia nas mãos de homens absolutamente puros e sem defeito, leva quase fatalmente ao desencadeamento das "forças negras",

canais de energias desconhecidas e terrivelmente perigosas, conservadas a distância pelos membros dos colégios de iniciação dos tempos findos, que viam o homem conversar com o Universo.

Quando essas forças imensas são liberadas de sua prisão material, nada mais poderá impedir seu poder de destruição e de morte. "O que está no alto é como o que está embaixo", escreveu Hermes Trismegisto (o "três vezes grande") na "Tábua de Esmeralda", e a alquimia, esta ciência suprema, pode servir indiferentemente o Bem ou o Mal, dar a pedra da sabedoria dos filósofos ou liberar os átomos da bomba termo-nuclear.

E é exatamente para reencontrar esta ciência, para reatar o fio da tradição atlante oculta pelo cristianismo, que os homens retomaram após a ruína do mundo antigo, a busca "sagrada" por um momento interrompida. Mas desta vez o Sol dos homens não os pode mais guiar, obscurecido pela gigantesca sombra da cruz, e o caminho às avessas que conduz à misteriosa TERRA VERDE, a real HIPERBÓREA, sede da mística Tule, passa pelas práticas mágicas. Quer se trate de alquimia, arte real, de astrologia, mãe das ciências herméticas, ou de qualquer outro instrumento de busca, a via revela-se infinitamente perigosa e o caminho, estreito, cercado de precipícios. Três homens marcados pelo selo do Destino, sem que aqui se trate de julgá-los, ousaram trazer o "ferro em brasa" à História da Europa sem todavia conseguir quebrar o "círculo de ferro da ignorância", e esses três nomes ressoam como três batidas anunciando o nascimento de uma tragédia: Frederico II, o imperador da Alemanha, domina a Idade Média, Napoleão eclipsa todas as glórias dos Tempos Modernos, Hitler na sua loucura e no seu exagero destrói as imagens dos homens políticos contemporâneos.

Esses três homens, embora pareçam distanciados pelo destino, pela época, pela mentalidade, estão em realidade além das contingências humanas, unidos por laços poderosos e secretos. Todos três tiveram que lutar para estabelecer a sua hegemonia espiritual e temporal contra a Igreja, inimiga da púrpura imperial, reflexo da majestade solar, todos três na sua busca desesperada não puderam realizar os seus místicos propósitos, e os seus destinos trágicos extinguiram-se num crepúsculo de sangue. O questão do conhecimento perdido está